

Moedas Medievais de Portugal

Por J. Ferraro Vaz

A Numismática Portuguesa ainda carece de muita investigação; ainda apresenta problemas a resolver e lacunas a preencher. É um tema vivo a convidar ao estudo pelo que promete de revelações a premiar quem se lhe dedique.

E, no campo a investigar, o assunto mais atractivo será a Numismática Medieval, que se vai desenvolvendo, muitas vezes, interlaçada na dos Reinos vizinhos, alargando à Península Ibérica as suas raízes e, por tanto, a busca de elementos de informação.

Entre as lacunas mais notórias de moedas dos primeiros Reis de Portugal estão as da numária de D. Pedro I que reina entre 1357 e 1367, quase em paralelo com seu sobrinho, D. Pedro I de Castela e Leão (1350-69), a quem não falta uma numária variada de ouro, prata e bolhão das mais belas da Península.

Ora, atribuíveis a Pedro de Portugal, não se conhece mais do que uns escassos «dinheiros» de bolhão (P.REX.PORTUGL/ALGARBI), onde o «P», inicial do nome do Rei, se confunde geralmente com um «D», que figura nos dinheiros do avô, D. Diniz ⁽¹⁾.

Apesar da época e do meio em que tal acontece, seria de admitir a dúvida se D. Pedro, Rei tão económico como *Justiceiro*, teria mandado bater moeda de ouro e prata.

Aqui, vamos dar a palavra ao seu cronista, o grande e probo FERNAO LOPES (1380-1460), que ali pelo ano de 1434 teria sido encarregado de «poer em cronica as estorias dos Reis que antigamente em Portugal foram». Ouçamo-lo, então:

(1) Vid. *Numária Medieval Portuguesa*, de J. FERRARO VAZ, pp. 39, 83, 84.

Este Rei Dom Pedro nom mudou moeda por cobiiça de temporal gaanho, mas lavrouse em seu tempo mui nobre moeda douro e prata sem outra mistura, a saber, dobras de boom ouro fino, de tamanho peso como as dobras cruzadas que faziam em Sevilha, que chamavam de Dona Branca; e estas dobras que el Rei Dom Pedro mandava lavar, çinquenta dellas faziam hum marco; e doutras que lavravom mais pequenas, levava o marco çento, e dhuuma parte tinham quinas e da outra figura dhomem com barvas nas faças e coroa na cabeça, assentado em huuma cadeira, com huuma espada na mão direita, e avia leteras arredor per latim que em linguagem deziam: Pedro Rei de Portugal e do Algarve; e da outra parte: Deos ajudame e fazeme exçellente vençedor sobre meus inmiigos; e a maior dobra destas valia quatro livras e dous soldos, e a mais pequena, quorenta e hum soldo. Lavravom outra moeda de prata que chamavam torneses, que saseenta e çinquo faziam hum marco, de liga e peso dos reaes delRei Dom Pedro de Castella; e outro tornes faziam mais pequeno de que o marco levava çento e trinta, e dhuum cabo tiinha quinas, e do outro cabeça dhomem com barvas grandes e coroa em ella; e as leteras damballas partes eram taaes como as das dobras; e valia o tornes grande sete soldos, e o pequeno tres soldos e meo; e chamavam a estas moedas dobra e mea dobra e tornes e meo tornes. A outra moeda meuda eram dinheiros alfonsiis, da liga e valor que fezera elRei Dom Affonso seu padre» (1).

Depois de un tal relato, tão expressivo, vem um testemunho de MANOEL SEVERIM DE FARIA, que nas suas esplêndidas *Noticias de Portugal*, ao referir-se-lhe na descrição das «Dobras» de D. Pedro I, diz: «50 dellas pesavaõ hũ marco, tanto pesaõ as Dobras daquelle tempo; que ainda hoje se conservaõ, de que eu tenho huã» (2).

Mas, além desta «Noticia» não dar mais pormenores, ela perde o documento em que se fundava, uma vez que o tesouro de SEVERIM DE FARIA teria desaparecido no terramoto de 1755.

Contudo, não faltam duas peças a querer retratar o que FERNAO LOPES descreveu, que convirá pôr em relêvo: uma, em cobre, a figurar como ensaio da «dobra» que D. Pedro teria mandado lavar, reproduzida por ARAGÃO (3), que a localiza no «gabinete numismatico de Copenhague»; e a outra, como se fora um exemplar pois, segundo diz TORO (4), «é de ouro de 23 3/4 quilates ou 990 millesimos e pesa 91 grãos ou 45 decigramas»... E nada mais.



(1) *Cronica de D. Pedro I*, cap. XI. Edição de Barcelos, 1932. TEIXEIRA DE ARAGÃO, in *Moedas de Portugal*, vol. I., pp. 174-175, transcreve este cap. XI, como vem nos «Ineditos da Acad. real das sciencias, tom. IV».

(2) Discurso IV, 25, Lisboa, 1655.

(3) *Ob. cit.*, p. 175.

(4) *Diccionario de Numismática Portuguesa*, pp. 184, 185, Porto, 1881.

Já na *Cronica de D. Fernando*, FERNAO LOPES, ao relatar as empresas deste Rei quando, na crise dinástica gerada pela morte de Pedro I, *el Cruel*, disputou a coroa de Castela e Leão que D. Henrique, *el Bastardo*, veio a cingir, fornece vários capitulos ⁽¹⁾ que poderão fazer alguma luz na noite que envolve a existência de moedas batidas em nome D. Pedro I, *o Justiceiro*.

Cap. XLVIII.—«El Rei Dom Fernando segundo dissemos, traoutou de casar com a Iffante Dona Lionor Daragom, por aver seu padre em ajuda comtra elRey Dom Hemrrique, com que avia guerra (...) E leixados os outros capitullos das comveemças antrelles devisadas, huum delles foi que elRei Daragom fizesse guerra a elRei Dom Hemrrique, dous anos continuados, na qual guerra elRei Dom Fernando avia de pagar aa sua custa mil e quinhentas lamças; e por quanto estas gentes darinas compria daver pagamento per moeda que se costumasse no reino Daragom, foi trautado neesta preitesia, que elRei mandasse alla ouro e prata, de que se fizesse moeda pera paga do soldo que aviam daver (...) O ouro que elRei la mandou nom foi em pasta, mas todo em moedas das que elle mandara fazer quando novamente começou de reinar (...) e mandou elRei tomar do tesouro que estava natore do castello da dita cidade (Lisboa), outras cem mil dobras, daquellas primeiras que dissemos, que eram de peso de dobra cruzada (...) prata nenhuuma nom foi la levada, como alguuns disserom (...) E este ouro todo mandou elRei que recebesse huum homrrado mercador de Lixboa, que chamavom Affonso Dominguez Baraçoero, ao qual mandou que toda a despesa que lhe o comde ⁽²⁾ mandasse fazer delle, que a fizesse».

Cap. XLIX.—«E foi o comde prestes pera se partir, muito acompanhado de boons fidalgos e escudeiros, e partio de Lixboa aos quimze dias daquel mez de março (1370), e chegou ao Algarve, omde foi posto todo aquel ouro na galee em que el hia, e fez o comde hi armar outra gallee que levou em sua companhia. Dalli seguio sua viagem e chegou a Barcellona cidade Daragom, onde elRei emtom estava (...) e mandamdo elRei que o apousentassem mui bem, disse o comde que lhe nom compria estomçe outra pusada, se nom a gallee em que viinha, por o aver que tragia em ella, ataa que fosse todo posto em terra; entom foram barcos aa gallee, e descarregarom todallas arcas em que ho ouro hia, e foi levado aos paaços delRei, e posto em huuma camara bem çarrada».

Cap. L.—«Outro si ouve legemça e carta delRei pera fazer moeda douro e prata alli em Barçellona, a saber, floriins taaes como elRei tiinha husamça de mandar fazer, e reaaes de prata dos sinaaes e cunho delRei Dom Pedro de Castella, de quatro maravidiis cada huum real. E começaram de lavrar na casa da moeda delRei, e fezerom logo ataa duzentos mil reaaes de prata, e huuns noventa mil floriins».

Cap. LIII.—«Duramdo a guerra antre Portugal e Castella, da maneira que ja teemdes ouvido, e trautamdosse assi estas cousas amtre elRei Daragom e elRei Dom Fernando, avia ja tempo que o papa Gregorio umdeçimo avia emviados por embaxadores aos Reis de Portugal e Castella, pera poer antrelles paz». E a paz fez-se com o «Tratado de Alcoutim», de 31 de Março de 1371.

Cap. LIV.—«Quando elRei Daragom soube esta liamça damizade, que elRei Dom Fernando com elRei de Castella pera sempre traudara, e como avia de casar com sua filha, bem he de cuidar quamto lhe desprazeria de fazer tal paz e amizade com seu emmiço, que muito desamava; e mandou que tomassem logo a Affonso Dominguez Barateiro (ou Baraçoero) quamto aver lhe fosse achado, e foromlhe tomados dous mil e viimte e quatro marcos

(1) Edição de Barcelos, 1933-35.

(2) D. João Afonso, conde de Barcelos.

douro, a fora çemto e sete marcos que lhe foram emprestados logo aa primeira, quando novamente chegarom; assi que de quamto ouro alla foi emviado, nom ouve elRei Dom Fernando outro proveito, salvo de dous mil paaos de romania que lhe alla comprarom pera o almazem de Lixboa, que custarom pouco mais de duzentos e seseemta gentiis».

Realmente, o que se disse até aqui é uma coordenação do que ha muito está dito. Mas, a ideia que preside á apresentação destes textos (de todos mui conhecidos), sob determinada sequência, pretende ir além do que eles em si contêm, despertando a atenção de investigadores, numismatas e arqueólogos para o movimento dos tesouros de D. Fernando, *o Inconstante*, onde possivelmente, haveria á mistura com as moedas que mandou cunhar, outras que herdara dos seus antecessores.

E assim, a concluir, surge uma interrogação, que é uma esperança: - Estará em Aragão a preciosa fonte para encher o vazio da Numária de D. Pedro I de Portugal?

Ha muito que penso nisto. E agora, aproveitando a oportunidade que se me depara neste III Congresso Nacional de Numismatica, que terá lugar em Barcelona e que reunirá a fina flor dos sábios investigadores da Espanha, querida Nação irmã, não resisti á tentação de destacar, com simplicidade e sem alardes de erudição, este interessantíssimo problema da Numismática Medieval Portuguesa, que considero um problema Ibérico, dadas as ligações que tem com a história da Numismática de Espanha.